

## O ENTORNO E A INTERAÇÃO

As relações do bebê com o outro que o toma em cuidados, o *Nebenmensch* de Freud, é destacado na Psicanálise desde os primeiros escritos de Freud, já no seu Projeto científico para a Psicologia. Neste texto há o acento na necessidade do outro que dará suporte para a existência do bebê no plano físico e afetivo. Esta condição favorece o enlaçamento do bebê neste outro, fazendo com que a internalização deste atue como o que não pode ser nomeado, mas cuja presença não se desfaz. Esta relação marcada por um princípio dialético de alienação e desejo faz com que o bebê busque o outro, para com ele, na relação, tornar-se sujeito, estruturando-se. Esta estrutura organiza as formas de representação e de ação do sujeito, ele passa a atuar em função de uma lógica que estará presente em todas as suas relações. O outro com sua estrutura e fantasmas atravessa a sua condição e orienta a sua estruturação, as inscrições e ausências de inscrições tornam-se fundamentais para o seu vir a ser como sujeito. O outro tem aqui, na maior parte das leituras, porém não em todas como bem sabemos, um valor de determinação e culpa por aquilo que o bebê irá organizar como possibilidades representativas e ações junto ao outro nas suas formas de ter com os objetos.

Outros autores destacam a importância do outro como uma forma de apresentação de um projeto de humanização. O bebê tomaria este outro como um "exemplo" a ser seguido pelo processo de imitação, fazendo o que o outro faz como caminho para ser "como" o outro. Estas propostas comportamentais sustentadas na imitação apresentam um modelo de desenvolvimento centrado numa perspectiva de modelo educacional, onde o bebê aprende a lidar consigo mesmo e com o mundo a partir de exemplos externos. Mundo interno e mundo externo estão codificados em significados que devem ser transmitidos ao bebê, e o outro deste bebê deve

ser o portador destes valores contidos nas informações que devem ser transmitidas. Este modelo tem muita dificuldade em resolver a questão da diferença existente entre os bebês e posteriormente sobre a criança, o adolescente e o adulto. Sua orientação aponta para um culpado que não executou sua tarefa a contento para que a informação chegasse a seu destino, ou mesmo, atuou de forma equivocada provocando sofrimento e conseqüentes patologias.

Modelos distintos que apontam para condições distintas, mas que se aproximam ao apontar o outro como determinante, seja ele comportamental ou estrutural. Mesmo que não tenham aproximações teóricas e perspectivas clínicas aproximativas, estes modelos criam, cada um a seu termo, padrões e procedimentos standard que não reconhece a variabilidade e singularidade do humano e de suas ações, mesmo que elas sejam historicamente verificáveis numa simples consulta genérica em manuais meramente descritivos.

10 O que sabemos hoje, longe de ser o todo, nos permite olhar para o bebê e levantar hipóteses epistêmicas que podem nos dirigir para uma perspectiva ontológica distinta das que orientaram os trabalhos das décadas que precederam os avanços tecnológicos. (As teorias são sempre oriundas de seu tempo, mesmo que se apresentem como verdadeiros saltos ou rupturas, elas guardam uma relação direta com o saber que circula e impregna os discursos e suas representações. Os modelos resistem não pelas verdades que sustentam, mas pela direção que apontam. O caminho a ser desenvolvido percorre o processo que vai da implementação, aceitação, repetição, revisão e transformação. Não há cronologia neste processo histórico dos modelos de conhecimento, sendo por vezes paralisado e transformado em crenças, desviando-se da Ciência para a Religião. Numa condição religiosa o primeiro processo que ocorre é a transformação de verdades científicas em verdades dogmáticas, com a abolição de qualquer juízo crítico.)

O acento deste livro está na relação entre o entorno e as relações, com suas nuances que aproximam e distinguem os diversos trabalhos. Esta direção, que é própria do Seminário Internacional transdisciplinar sobre o bebê, de onde estes trabalhos foram selecionados para compor

este livro, destaca o papel cada vez mais determinante do bebê no seu vir a ser, seu entorno é o lugar onde ele irá efetuar as suas interações. Ele e o outro terão lugares distintos, mas não sobredeterminantes. O bebê é tomado, na maioria dos trabalhos deste livro, como um agente interpretativo que busca o outro, que convoca o outro a ter com ele, e faz desta relação uma representação e uma forma de produzir seus atos. Estas produções pragmáticas do bebê transformam-se à medida que ele ultrapassa limiares que o permitem interpretar seu entorno em novas perspectivas. Seus estados, mesmo não sucessivos, alteram-se em função da lógica que ele emprega para decifrar e apreender o que se apresenta interna e externamente.

A capacidade interpretativa do bebê, sustentada na sua linguagem, permite o tratamento das informações complexas advindas do seu entorno e das interações com o outro. Estas interpretações permitem a organização de sistemas comunicacionais complexos que favorecem, ou não, sua relação com o outro. As significações produzidas pelo bebê são feitas a partir de um contexto, o seu entorno, e de relações com o outro, suas interações, mas não são as mesmas significações que são apresentadas, nem pelo contexto e tão pouco pelo outro, são o resultado de suas interpretações, da amarração significativa que ele executa para saber de si e do outro. O outro, mesmo que seja fonte de inspiração, não é, e não possui a condição de ser determinante das interpretações, representações e ações do bebê. Os exemplos que temos disso são fruto de uma perspectiva epistemológica que apresenta o bebê como um ser sem linguagem, incapaz de interpretar, que pode e deve ser domesticado.

11

Este livro apresenta uma unidade em torno do bebê e o outro em suas interações e entorno, mas distingue-se em forma e conteúdo acerca deste tema central, a diversidade favorece a ampliação do nosso propósito, por tomar como eixo propostas teóricas e ou ângulos distintos para tratar desta questão. Assim dividimos em 5 subtemas que agrupam trabalhos que abordam distintamente um mesmo foco.

Abrimos com três trabalhos que tratam da **voz**, como fundamento da experiência do bebê com o outro na sua condição de elemento fi-

sico que é reconhecido pelo bebê como um valor lógico a ser decifrado e que o perpassa fazendo com que o bebê a tome e faça com ela representações, as mais variadas possíveis, mesmo que encontremos padrões nas formas de apresentação da voz para o bebê seu universo sonoro se estende para além do que lhe é diretamente ofertado.

Na segunda parte estão os textos que tratam da **constituição do psiquismo** do bebê. Os três trabalhos apresentam perspectivas diferentes sobre a questão, apoiados em escolas distintas da Psicanálise e trazem experiências ricas recortadas da creche e da instituição, aportando exemplos clínicos e relatos para a elaboração de suas posições.

No grupo de trabalhos que compõem a terceira parte estão aqueles que destacam as **interações com o outro**. Encontramos aqui textos inovadores sobre a forma de investigar as relações mãe-bebê, destacando aspectos clínicos e da pesquisa.

12 Na quarta parte encontram-se os trabalhos que tratam da **clínica** de forma preferencial, com estudos de caso. Nestes trabalhos os autores nos mostram como os bebês, tomados um a um no processo clínico, apresentam condições de lidar com os acontecimentos e podem, a partir deste lugar, produzir novas formas de representação.

Por fim, na última parte, os textos abordam a **intervenção precoce**. Ela é composta por textos que favorecem a discussão sobre as metodologias usadas para identificar sinais de risco de desenvolvimento e as possíveis propostas de trabalho. Tema atual e necessário considerando a nova lei que define a identificação de sinais psíquicos em bebês brasileiros antes dos 18 meses, trazendo à cena a problemática dos instrumentos disponíveis para essa faixa etária.

Esperamos que este livro possa trazer para o leitor uma perspectiva distinta daquela que está empregada nos manuais e nos meios de vulgarização de informação, e que possam, a partir de sua leitura, reconhecer no bebê um outro que, embora restringido em ações, é dotado de uma capacidade interpretativa que o sustenta para a tomada de decisões.

O bebê de hoje, como o de antes, pode ser reconhecido como um ser que, à sua maneira, atua no mundo numa dimensão ativa e produtiva, distinta da posição em que era posto na passividade reprodutiva. Deixemos que ele nos apresente suas distintas formas de existência, este é um novo paradigma para a ontologia do que conhecemos como humano.

*Erika Parlato-Oliveira*

*David Cohen*